

MESTRE JOSÉ CARLOS E A DEFESA DAS TRADIÇÕES DA CAPOEIRA ANGOLA

Por Maurício Barros de Castro

“Capoeira angola é natural como um pássaro voando, é natureza”. Estas palavras de Mestre José Carlos mostram sua preocupação com a manutenção das características originais da capoeira angola. Discípulo de Mestre Moraes – foi um dos mestres formados por ele no Rio de Janeiro – Mestre José Carlos segue, através do seu grupo Angola N’golo, ensinando as tradições dos velhos angoleiros para os capoeiristas jovens. Para ele, a capoeira tradicional não precisa de inovações.

P.C. Como você começou a aprender capoeira?

M.J.C. Eu tinha um problema, era muito magro e apanhava muito na rua, até que um dia meu cunhado perguntou se eu não queria fazer capoeira. Eu ainda não tinha conhecido Mestre Moraes e passei a fazer capoeira de rua. Todo domingo e sábado, no final de semana, a gente ia lá para Posse, que é um bairro de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Primeiro a gente fazia uma corrida de uns quinze quilômetros, era o aquecimento para depois fazer capoeira. A gente jogava capoeira no barro e este trabalho foi crescendo, um trabalho de fundo de quintal que foi crescendo a ponto de nós convidarmos academias de Nova Iguaçu para fazer parte do trabalho. Então nós começamos a freqüentar essas academias, fomos fazendo parte das academias desta maneira, começamos a jogar capoeira com este pessoal e esse pessoal nos visitava no barro.

P.C. Como você conheceu Mestre Moraes?

M.J.C. Conheci Mestre Moraes num almoço. Fizemos uma roda de capoeira, era o aniversário dele inclusive, fizemos uma feijoada e convidamos Mestre Moraes. Era um domingo. Ele então nos convidou para fazer parte do trabalho dele, foi quando eu comecei a treinar capoeira com Mestre Moraes, no Gurilândia, em 1972. Dez anos depois Mestre Moraes foi embora pra Salvador. Antes disso, em 1981, se não me engano, no Cosme Velho, nós conseguimos fundar o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho.

P.C. O que você fez depois disso?

M.J.C. Depois disso, Mestre Moraes indo embora para Salvador eu vim pra Nova Iguaçu fazer meu trabalho. É aquela história, como eu não tinha espaço fiquei fazendo meu trabalho no fundo de quintal até arrumar um lugar. O primeiro espaço para mim foi na Academia Maier, depois fui para Academia Denis. Aí fui pro Criam fazer um trabalho com adolescentes em recuperação. Mais tarde voltei a fazer um trabalho de fundo de quintal, sempre foi dessa maneira, em fundo de quintal. Depois eu fui pra Casa de Cultura de Nova Iguaçu, fiz um trabalho também na Biblioteca Pública de Mesquita, foi também um período curto. Depois voltei pro América Futebol Clube, foi quando eu tive uma lesão no tendão. Parei um pouco, operei, depois voltei, meu retorno foi numa roda que teve na UERJ, se não me engano. Após esse meu retorno, esse processo de recuperação, voltei a fazer um trabalho com capoeira, mas já na Academia Irmão Reis, no Catete. Depois de um ano ali fundei o Grupo Angola N’golo, em 1991.

P.C. O que você acha das inovações na capoeira angola?

M.J.C. O capoeirista não precisa disso, você vai ser capoeirista a partir do momento que você venha trabalhando, que você tenha um trabalho contínuo para você evoluir, você vai evoluindo e vai conquistando degraus, degrau por degrau, se você chegar ao topo da montanha você vai ser mestre de capoeira, mas depende da condição de cada um.

P.C. E os mestres antigos, você conheceu algum deles?

M.J.C. Eu conheci o falecido Mestre Valdemar da Paixão dentro da casa dele, numa periferia de Salvador. Ele já tinha sofrido um derrame. Foi quando eu o vi pela primeira vez, depois do derrame, totalmente sem condições. Ele todo trêmulo de um lado só, fazia movimento só com o lado esquerdo. O lado direito dele estava impossibilitado. Quer dizer, eu acho que você não precisa apelar. Eu acho que capoeira angola é uma coisa tão natural, você tem que ser natural. Capoeira angola é natural como um pássaro voando, é natureza. Você não tem que mudar isso. Você não precisa mudar nada, a capoeira angola é completa. “Angola, a capoeira mãe, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível para o mais sábio capoeirista”, palavras de Mestre Pastinha. Você não precisa mudar isso, você precisa dar uma continuidade. Entender que Capoeira Angola faz bem pro espírito, faz bem pra cabeça, faz bem pro corpo, faz bem espiritualmente, e que você tem que levar isso com naturalidade, você não tem que estar inventando, você não tem que nem tirar nem por em capoeira angola. É só você dar continuidade à antiguidade dela, você não tem que estar inovando.

P.C. E como era o cenário da capoeira angola no Rio de Janeiro na década de setenta, quando você começou a treinar?

M.J.C. Na época angoleiro da escola pastiniana no Rio de Janeiro era o Mestre Moraes, só tinha ele. Não tinha ninguém, você tinha que fazer capoeira com ele, tinha que aceitar os métodos dele, a maneira dele ensinar, de administrar grupo, de administrar um pessoal. Foram várias coisas, ele tinha que administrar você como capoeirista, como filho, como homem e ao mesmo tempo dizer: “Olha, eu estou jogando você pro perigo, mas também estou te dando condições de enfrentar o perigo”. Porque era assim, não tinha como, e foi dessa maneira que a Capoeira Angola foi implantada no Rio de Janeiro, e graças a Deus eu fiz parte disso, de plantar, enraizar a Capoeira Angola no Rio de Janeiro, e hoje é uma febre.

P.C. E de que forma você acha que se pode manter as tradições da capoeira angola?

M.J.C. O que você tem que fazer hoje é um trabalho sério preservando a antiguidade. Por que o que eles estão fazendo hoje? Eles estão modernizando. Porque eles entendem o seguinte: o povo que não conhece a capoeira angola vai pela inovação, então eles estão esquecendo da originalidade. O que eu quero fazer? Eu quero ficar com a originalidade. Deixa eles inventarem. O que nós temos que fazer como capoeiristas hoje é isso, porque não funciona você ficar inventando, você não tem que inventar mais nada pra capoeira angola, ela já foi criada, só basta você dar continuidade.